



### *Prefácio do Editor*

Os ensaios fazem parte do objectivo do Centro de Estudos de Democracia e Desenvolvimento (CEDE) e da Rosa Luxemburg Stiftung (RLS) de registar os factos ocorridos em torno do Ciclone IDAI ocorrido em Março de 2019, na região Centro de Moçambique e contribuir com análises de política para o reforço da capacidade governamental de intervir em situações de desastre e planificar tendo em conta as mudanças climáticas, e por via disso reforçar o processo de construção do Estado melhorando a sua ligação com a sociedade.

#### **Coordenador da Série:**

Milissão Nuvunga

#### **Assistentes de Coordenação:**

Melanie de Aguiar

Jorge Jairoce

Lucas Amosse Tivane

#### **Autor:**

Jorge Fernando Jairoce

#### **Sumário Executivo**

O Ciclone afetou cerca de 350 mil pessoas na Cidade da Beira e provocou a morte de dezenas de pessoas. A cidade mantém a memória por meio de relatos de populares e ruínas de edifícios públicos e privados. Partindo da perspectiva de que as investigações sobre o Ciclone IDAI devem considerar não apenas sua contingência, como também incluir estudos pós-catástrofe, realizou-se uma pesquisa documental e bibliográfica sobre estas iniciativas de manter a memória de desastres naturais. O objectivo foi compreender estas acções como políticas de memória e investigar suas relações com a produção social do espaço urbano, por meio da adoção de medidas como a instituição do Museu e Praça IDAI e do Dia Municipal de Memória IDAI. A pesquisa demonstra que as acções de memória acima descritas são também elementos chaves para uma educação ambiental e aproveitamento turístico.

**Palavras-chave:** *Ciclone, IDAI, Espaço Urbano, Políticas de Memória e Produção Social.*

#### ***Agradecimentos:***

O CEDE gostaria de agradecer à todos os participantes dos diversos cafés públicos realizados para discutir tanto a nota conceitual que suporta estes *papers*, como os diferentes *papers* produzidos no processo. Um agradecimento especial se estende como é óbvio aos autores e às instituições de onde muitos dos participantes são oriundos - CEEI-UJC, UP, BNM, UCM.

**Jorge Fernando Jairoce**, Jorge Fernando JAIROCE, é Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em Educação e Ensino de História e licenciado em ensino de História e Geografia pela Universidade Pedagógica de Maputo. É docente de História Oral, Memória e Arquivos no Programa de Pós-graduação em História Contemporânea de África na Universidade Pedagógica de Maputo, docente de História das Mentalidades e História das Instituições Políticas moçambicanas no curso de Licenciatura em História Política e Gestão Pública na Universidade Pedagógica de Moçambique. Para além disso, é Arguente de vários trabalhos ao nível de licenciatura e doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em termos de pesquisa, colabora como pesquisador no Centro de Pesquisa em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Filosóficas na UP Maputo, actuando na área de História Oral e Políticas de Memória e é Parecerista da Revista *Outros Tempos* da Universidade Estadual do Maranhão. Foi o primeiro Editor da Revista Académica *Síntese* na Faculdade de Ciências Sociais da UP Maputo. Para além da longa carreira de docência e pesquisa, Jorge Jairoce é também Director Nacional da Biblioteca Nacional de Moçambique.

## **1. Notas introdutórias**

Em Março de 2019, a República de Moçambique sofreu efeitos devastadores do ciclone IDAI, particularmente nas províncias de Sofala, Manica, Tete e

Zambézia, resultando na morte de pelo menos 602 pessoas e mais de 1.641 pessoas feridas. A Cidade da Beira foi uma das mais afectadas pelo desastre natural. O ciclone desalojou centenas de habitantes no Conselho Autárquico da Beira e provocou a morte de dezenas de pessoas. A cidade mantém a memória por meio de relatos populares e ruínas dos edifícios. Partindo desta perspectiva iniciei uma reflexão sobre o Ciclone e seus efeitos considerando não apenas sua contingência, mas também como preservar a memória pós-catástrofe e fazer aproveitamento turístico e pedagógico. Foi assim, que iniciei uma pesquisa documental e bibliográfica sobre como manter viva a memória do Ciclone. O objectivo geral deste estudo, com recurso ao exemplo do Ciclone IDAI, é de reflectir sobre acções concretas para manter viva a memória do IDAI. Para tal, pretende-se investigar concretamente as suas relações com a produção social do espaço urbano e analisar como se pode fazer o aproveitamento turístico e pedagógico do Ciclone IDAI, através da compreensão da necessidade de se pensar em políticas de memória e seu uso social. O argumento aqui avançado é de que a construção

social do espaço urbano envolve a construção de referenciais e identidades que tem um impacto nas políticas públicas de desenvolvimento, e vice-versa.

## **2. Ciclone IDAI e os seus efeitos na Cidade da Beira**

Moçambique é reconhecido como um dos países em África que é mais vulnerável às mudanças climáticas (GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2019). Perigos tais como secas e cheias, precipitação variável e ciclones tropicais têm afectado significativamente o país.

A zona costeira do país é particularmente vulnerável aos impactos esperados das mudanças climáticas. Os factores que contribuem para tal incluem (GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2019):

- Vastas planícies costeiras de terras baixas tais como deltas costeiros;
- Elevadas concentrações de população nas proximidades do mar;
- Pobreza;
- Baixa capacidade para defender infra-estruturas;
- Susceptibilidade à actividade de ciclones;
- Estruturas Costeiras suaves de fácil erosão; e

- Defesas costeiras inadequadas e envelhecidas.

Esta situação é agravada pela exposição directa a regimes de energia de ondas elevados em certas partes, um potencial aumento do impacto de ciclones, e defesas costeiras naturais afectadas tais como as dunas, mangais e recifes de coral. O centro do País é a região de maior ocorrência de ciclones tropicais.

O impacto do Ciclone IDAI sobre a actividade turística na cidade da Beira abrangeu as infraestruturas físicas (estradas, meios de hospedagem, meios de transportes, dentre outros elementos), o marketing turístico (a comunicação), a perda do fluxo de turistas, a diminuição da arrecadação, entre outros. Isso gerou impactos económicos sem precedentes à recuperação do sector do turismo. A partir dos efeitos negativos do desastre iniciei uma reflexão sobre como pode -se fazer o aproveitamento turístico e pedagógico do mesmo.

## **3. Desastres grandes, memórias curtas?**

O historiador ambiental Mauch (2009), na introdução do livro *Natural Disasters, Cultural Responses*, organizado por ele e

pelo também historiador Pfister (2011), afirma que a memória de um desastre natural tende a ter curta duração, ao contrário das memórias de guerra, que perdurariam por um longo período. No caso das enchentes, quando as águas retornam aos níveis normais, o desastre deixaria de ser notícia nos meios de comunicação, o que contribuiria para seu esquecimento. Ainda de acordo com o autor, as lembranças de uma guerra, diferentemente das memórias de um desastre natural, são mantidas pela existência de organizações, como as de veteranos de guerra, e haveria a construção de memoriais em homenagem às vítimas no mundo (MAUCH, 2009). Ainda que um desastre seja geralmente percebido pelos sujeitos como eventos temporalmente limitados (VIGH, 2008), alguns estudiosos, como Oliver-Smith (1999), consideram a importância de analisá-lo como um processo. Nesse sentido, as pesquisas sobre desastres devem levar em consideração não apenas sua contingência, como também devem incluir estudos pós-catástrofe (OLIVER-SMITH, 1999; SMITH, 2012). Ullberg (2016) afirma que o pós-catástrofe constitui um processo cultural e político que confere uma interpretação a um

evento crítico do passado, e que se desenrola no tempo e no espaço. Este processo pode ser considerado como sendo a memória (ULLBERG, 2016).

A memória não se limita às lembranças do que foi vivido no passado. Nas palavras de Woortmann (2000, p. 213), “a memória opera no sentido de “trabalhar” o passado para forjar o presente e construir o futuro, e isto pode ser feito tanto pela rememoração como pelo esquecimento”. Assim, tanto o dito como o não dito são fundamentais nesta construção do presente e do futuro. A memória atua de modo selectivo, pois torna presente determinados eventos (ou fragmentos de eventos) em detrimento de outros, aos quais podem ser atribuídos diferentes significados de acordo com o tempo e o espaço (WOORTMANN, 2000).

#### **4. Ciclone Idai e aproveitamento turístico e pedagógico**

Sem um trabalho específico sobre a memória de desastres como o IDAI, abre-se espaço para que as ações de prevenção de futuros desastres sejam esquecidas e favor de questões imediatistas do dia a dia. Neste contexto,

existe a necessidade de se reflectir sobre a contribuição que um aproveitamento turístico e pedagógico dos desastres naturais pode trazer para a preservação da memória dos desastres.

#### **4.1. Aproveitamento turístico**

O turismo, como se conhece nos dias atuais, “é um fenómeno peculiar do século XX” (THEOBALD, 2002, p.27). Esse sector é sem dúvidas um fenómeno social, económico, político e cultural do mundo contemporâneo. É considerado fenómeno pela sua inserção nas ciências sociais aplicadas, que tem como objecto de investigação os elementos, que possibilitam o conhecimento dos aspectos sociais do mundo humano. É na diversidade, no valor do local, que estão as bases para pensar o turismo em Moçambique. Para tanto, esta perspectiva ainda necessita de mudanças no olhar, nos comportamentos, nos valores dos turistas e autóctones. As representações simbólicas construídas sobre o turismo, tanto dos turistas como dos autóctones, são elaboradas em base ao turismo de massa. Repensá-las é ressignificar o sentido atribuído aos turistas, não só como sinónimo de lucro, emprego e renda, mas como pessoas que viajam e

buscam vivências diferentes do seu quotidiano. Quanto aos autóctones, que são considerados os exóticos, ou, simplesmente, os que não necessitam ser vistos pelos turistas, possuem história, memórias, quotidiano e vivências múltiplas naqueles lugares turísticos.

Os lugares turísticos, que para alguns turistas, tratam-se apenas de mais um destino a ser visitado, são, na realidade, o mundo, o quotidiano, o lugar de viver dos autóctones. Turistas e autóctones são realidades entrelaçadas e os destinos turísticos, mais que destinos, são mundos que se comunicam, diversidades que dialogam entre si. Assim, sendo pretendemos que o turista ao visitar a Cidade possa contemplar a memória do Ciclone e perceber a evolução da Cidade antes e pós ciclone. Ele pode visitar o Museu IDAI, a Praça IDAI e até comemorar e rememorar o Dia Municipal da Memória IDAI. Para os turistas e outros visitantes ser-lhe-ia cobrada uma taxa simbólica para visitar o Museu.

#### **4.2 Aproveitamento pedagógico**

Jelin (2002) refere que os actos de comemoração e rememoração estão voltados não apenas para o presente, como também para o futuro, pois suas

actividades podem conter funções pedagógicas para as gerações sucessoras. Estas cerimónias devem ser compreendidas como rituais dinâmicos, que podem apresentar mudanças a cada ciclo anual, pois podem refletir e reiterar tanto continuidades identitárias e de sentido, quanto mudanças e transformações nas formas como as comemorações são significadas e praticadas (PIPER, 2009). Os actos de comemoração e rememoração d Ciclone IDAI serviria para que os alunos e professores possam desenvolver uma perspectiva de educação ambiental na perspectiva global e local. Neste sentido, nas visitas a serem efectuadas no Museu IDAI poderia se trabalhar científica e pedagogicamente as noções de cidade resiliente, construção social do risco, desastres naturais, degradação ambiental, ciclones, mudanças climáticas globais, solidariedade, preservação do meio ambiente, prevenção de desastres entre outros.

##### **5. Proposta da Criação do Museu IDAI, Praça IDAI e Instituição do Dia Municipal da Memória IDAI na Cidade da Beira**

Face as afirmações de Mauch (2009) sobre como evitar o esquecimento das

memórias como as do IDAI que continuam presentes nos relatos dos populares – tanto daqueles que viveram o desastre, quanto dos sujeitos que não viviam na cidade durante a passagem do Ciclone, propomos a criação do Museu IDAI, Praça IDAI e Dia Municipal da Memória IDAI.

O Museu IDAI cumpriria para além da função educacional (para que as pessoas possam compreender os eventos climáticos globais, a ocorrência de ciclones e suas consequências), também a função turística como forma de atrair turistas que visitam a cidade da Beira para que possam compreender a dimensão dos efeitos do Ciclone IDAI na Cidade. Desse modo, a memória do IDAI integrada no espaço de forma materializada ou objectivável, seria invocada por meio de coisas e objectos como fotografias dos momentos pré e pós ciclone, vídeos com relatos dos sujeitos que vivenciaram o ciclone e outros distantes, painéis e vídeos sobre mudanças e ciclones e obras de arte retratando os efeitos do Ciclone. Proponho ainda que o dia 14 de Março seja considerado o Dia Municipal da Memória do IDAI na Cidade da Beira, que mesmo não sendo feriado, seria um dia para reflexão em torno do desastre

natural e os mecanismos da minimização dos riscos futuros. A criação do Museu IDAI seria uma forma de produzir e manter a memória do desastre. O Museu do IDAI como memória representaria mais do que uma recordação, pois também seria acção, que poderia contribuir para a transformação da vida de indivíduos e grupos sociais (BOSI, 1998) através da educação ambiental.

A criação do Museu do IDAI como memória do desastre natural não seria uma primeira experiência ao nível mundial, já houve casos semelhantes ao nível do mundo como o Tsunami Museum em Aceh, o Indian Ocean Tsunami Memorial em Londres e os memoriais às vítimas do Katrina em Nova Orleans. Lugares oficiais e não oficiais coexistem, a exemplo dos que foram criados em memória ao incêndio ocorrido em uma discoteca em Buenos Aires no ano de 2004. Sobreviventes e famílias das vítimas criaram um santuário com obras de arte e imagens simbólicas, enquanto o governo local construiu, ao lado, a Praça da Memória em homenagem às vítimas.

No nosso caso, a rememoração do IDAI exigiria uma lembrança ritual, geralmente realizada em um espaço

público, daí que proponho a instituição do Dia Municipal de Memória IDAI, que serviria para uma reflexão e intensificação da mobilização para a prevenção e reacções eficientes a outros possíveis desastres naturais e consciencialização ambiental. Os beirenses devem ser mobilizados para que participem nos eventos, com o objectivo de relembrar a tragédia e de visitar o que está sendo feito pelo Poder Público e pelos cidadãos com o objectivo de minimizar os efeitos de um possível desastre natural. A comemoração do dia iria começar na Praça IDAI a ser construído pelo Conselho Autárquico. De seguida haveria actividades de visita ao Museu IDAI e outros eventos culturais. O Conselho Autárquico poderia produzir um dispositivo legal para que no dia 14 de março, às 12 horas, os sinos toquem de forma compassada, e que as pessoas interrompam suas actividades por um minuto e as escolas públicas e privadas da Autarquia, em todos os níveis de ensino devem promover actos que lembrem à catástrofe de 2019. As igrejas, “independente do credo religioso”, também são estimuladas a promoverem reflexões sobre o dia. Os actos podem consistir em visitas ao Museu e Praça

IDAI, promoção de palestras, jornadas de limpeza e outras que levem a reflectir a necessidade de preservação dos ambientes que vivemos.

## **6. Considerações Finais**

No presente estudo, a partir das concepções teóricas expostas sobre a importância de políticas de memória e o seu uso social, pretendeu-se contribuir com a reflexão acerca dos efeitos do Ciclone e de iniciativas com vista a manter viva a memória do evento.

As iniciativas aqui apresentadas devem ser consideradas como uma oportunidade de preservar a memória do Ciclone IDAI e ao mesmo tempo fazer o aproveitamento turístico e pedagógico, reforçando a ideia de que o Museu IDAI, a Praça IDAI e a Dia Municipal da Memória do IDAI podem ter leituras divergentes das pretendidas por seus produtores, apontando para outras possíveis construções e ressignificações da memória do desastre.

A construção social do espaço urbano envolve a construção de referenciais e identidades. A memória, objectivada em

Museu e Praça e (re)produzida em acções, como as previstas no Dia Municipal de Memória do IDAI, apresenta-se como um elemento chave nesta construção, revelando o quê e como deve ser lembrado. Ao mesmo tempo, esta construção – compreendida na pesquisa aqui apresentada, maioritariamente, como iniciativas municipais – legítima demandas e acções no presente e no futuro, que também participam da produção social do espaço e são (re)modeladas ao longo do tempo.



## Referências Bibliográficas

- BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 6 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1998. 484 p.
- JELIN, E. (Org.). Las conmemoraciones. Madrid: Siglo XXI, 2002. 254 p.
- GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. Moçambique Ciclone Idai. PDNA-avaliação das necessidades pós desastre. Sector Social. Documentos de Suporte. 12 de maio de 2019.
- MAUCH, C. Introduction. In: MAUCH, C.; PFISTER, C. (Orgs.). Natural Disasters, Cultural responses: case studies toward a global environmental history. Plymouth: Lexington Books, 2009. p. 1-16.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, v. 10, n. 7-28, dez.1993.
- OLIVER-SMITH, A. What is a Disaster. In: OLIVER-SMITH, A.; HOFFMAN S. M. (Org.). The Angry Earth: Disaster in Anthropological Perspective. London: Routledge, 1999. p. 18-34.
- PFISTER, C. The monster swallows you. Rachel Carson Center: Munich, 2011. 23 p.
- PIPER, I. Investigación y acción política en prácticas de memoria colectiva. In: VINYES, R. (Org.). El Estado y la memoria: gobiernos y ciudadanos frente a los traumas de la historia. Barcelona: RBA, 2009. p. 151-172.
- SMITH, G. Planning for Post-Disaster Recovery. Washington, DC: Island Press, 2012. 456 p.
- THEIS, L. Jeux et enjeux commémoratifs. Le Débat, Paris, n. 104, p. 35, mar.-abr. 1999.
- ULLBERG, S. La mémoire de la catastrophe et des lieux. In: ZENOBI, D.; ULLBERG, S.;
- VIGH, H. Crisis and Chronicity. Ethnos, v. 73, n. 1, p. 5-24, 2008.
- WOORTMANN, E. F. Identidades e Memória entre Teuto-Brasileiros. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 205-238, 2000.